



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844
n. 14, v. 2
nov.2020-abr.2021
p. 143-163

Masculinidades híbridas em contexto escolar: mudanças em curso ou reprodução do status quo?

*(Hybrid masculinities in school context
ongoing changes or reproduction of the status quo?)*

*(Masculinidades híbridas en el contexto escolar
cambios en curso o reproducción del status quo?)*

Hugo Santos¹

RESUMO: É ponto assente que o conceito de masculinidade hegemônica tem sido mobilizado como uma dimensão explicativa da expressão do sexismo e da homofobia na escola. Contudo, hoje fala-se de masculinidades híbridas que dão conta de transformações contemporâneas no campo da masculinidade, ainda que seja um conceito pouco debatido ou trabalhado a partir da empiria. Partindo de um estudo em concreto sobre homofobia escolar em Portugal, com recurso metodológico a uma diversidade de técnicas qualitativas – grupos focais, entrevistas e observação participante –, discute-se se o conceito de masculinidade híbrida serve como referencial para pensar as masculinidades hoje na escola. Detalhando-se três das suas dimensões – distanciamento discursivo, paternalismo subtil e emprego estratégico de elementos subordinados –, argumenta-se que é um bom indicador, não obstante a necessidade de mais aprofundamento. Espera-se que este artigo contribua para o debate.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Masculinidade híbrida. Escola.

Abstract: The concept of hegemonic masculinity has been mobilized as an explanatory dimension of the expression of sexism and homophobia at school. However, today there is a notion of hybrid masculinities that comprehend contemporary transformations in the field of masculinity, even though it is a concept that is little debated or worked on from empirical ground. Based on a specific study on school homophobia in Portugal, with methodological recourse to a variety of qualitative techniques – focus groups, interviews and participant observation –, it is discussed if the concept of hybrid masculinity serves as a reference for thinking about masculinities today at school. By detailing three of its dimensions – discursive distancing, subtle paternalism and strategic use of subordinate elements –, it is argued that it is a good indicator, despite the need for further study. This article is expected to contribute to starting the debate on the subject.

Keywords: Gender. Hybrid masculinity. School.

Resumen: Es un punto en común que el concepto de masculinidad hegemónica se ha movlizado como una dimensión explicativa de la expresión de sexismo y homofobia en la escuela. Sin embargo, hoy se habla de masculinidades híbridas que explican las transformaciones contemporáneas en el campo de la masculinidad, a pesar de que es un

1 Hugo Santos é licenciado, mestre e doutor em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Em 2019, ganhou o prêmio "Prémio SPCE / De Facto Editores" dedicado aos melhores trabalhos na área das Ciências da Educação, com base em sua tese de doutorado sobre bullying homofóbico, direitos LGBTQ e educação sexual. Seus principais interesses de pesquisa são gênero/masculinidades, estudos LGBTQ, educação sexual, cidadania e diversidade, culturas juvenis, bullying studies. Atualmente trabalha na área das gestão e organização da formação e do ensino a distância, com um novo interesse em novas tecnologias digitais, jogos serios e gamificação. E-mail: hugosantos@fpce.up.pt.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 18/03/2020

Aceito em 13/04/2020

concepto poco debatido o trabajado desde la perspectiva empírica. Basándose en un estudio sobre la homofobia escolar en Portugal, con el recurso metodológico a una variedad de técnicas cualitativas (grupos focales, entrevistas y observación participante), se discute si el concepto de masculinidad híbrida sirve como referencia para pensar sobre las masculinidades hoy en la escuela. Al detallar tres de sus dimensiones (distanciamiento discursivo, paternalismo sutil y uso estratégico de elementos subordinados), se argumenta que es un buen indicador, a pesar de la necesidad de más estudios. Se espera que este artículo contribuya a comenzar el debate.

Palabras clave: Género. Masculinidad híbrida. Escuela.



1. Introdução

Na esteira das preocupações das pesquisas declaradamente feministas com os direitos de mulheres, os estudos sobre a(s) masculinidade(s) – isto é, os estudos que se dedicam a compreender o(s) modo(s) como rapazes e homens, enquanto indivíduos explicitamente “genderizados”, se constituem e são constituídos como tal (RABELO, 2010; ROCHA; FERREIRA, 2002) – tem a sua origem mais expressiva no início da década 1990, com a Sociologia, de todas as ciências sociais, a assumir a dianteira na interrogação intelectual do “ser-se homem” como um “problema do conhecimento”. (SILVA; ARAÚJO, 2007, p. 89) Adotando, desde logo, a noção de *gênero* como constitutivo das relações sociais entre sexos, tais como nos estudos de gênero/feministas/sobre as mulheres (cf. BUTLER, 2017; SCOTT, 1995), desde do princípio que tais pesquisas centradas nas identidades masculinas, tanto nos Estados Unidos da América (cf. KIMMEL, 1994, 1996) como no Reino Unido (EPSTEIN, 1996), tanto no Brasil (cf. THÜRLER; ARAGÃO, 2012; WELZER-LANG, 2001), como em Portugal (cf. AMÂNCIO, 1994; VALE DE ALMEIDA, 1995), partiram de um conjunto alargado de intenções que podem ser resumidos em quatro principais:

1. Problematizar as identidades, comportamentos e vivências de rapazes e homens em diferentes contextos, mostrando uma preocupação com as suas cidadanias assim como com o seu papel social;
2. Chamar a atenção para o caráter socialmente construído da masculinidade, enfatizando, pois, os aspetos culturais implicados nesse processo de construção (e desconstrução) e, por isso, rejeitando modelos explicativos sustentados numa certa ideia de “natureza” ou “bioontologia” como geralmente os estudos sobre a “diferença sexual” parecem advogar;
3. Mostrar como a masculinidade varia de indivíduo para indivíduo, mas, sobretudo, dentro e entre culturas, partilhando assim um entendimento historizado (temporalizado, espacializado) do fenómeno da masculinidade, enfatizando, pois, uma pluralidade incomensurável de ser-se rapaz e homem que não se confina a uma versão singular e estável²;

2 Embora, muitas vezes, esse pluralismo possa comportar estudos cujo cerne da problematização resida na eventual ou alegada perda de “poder” dos homens face às mulheres (cf. KIMMEL, 1994; HALBERSTAM, 2005) – e, portanto, reforçando ideologias que promovem uma declarada misoginia como em certos “men’s studies” –, uma das tradições mais proíficas (e também mais credível) tem assentado numa perspetivação crítica da “dominação masculina” (BOURDIEU, 1999) como uma injustiça social, ao mesmo tempo que apelam a novas reconfigurações de masculinidade ao nível dos comportamentos, atitudes, papéis em diferentes contextos (cuidados, trabalho, família etc.), encarando os homens como ferramentas essenciais para modificar as relações entre gêneros. Tratam-se, pois,



4. Alertar para os – potenciais e reais – efeitos nocivos que a sua configuração hegemônica tem para todos/as aqueles/as que não se confinam e/ou expressamente se distanciam dos privilégios dessa configuração, sejam as mulheres, sejam outros grupos sociais, como, por exemplo, indivíduos LGBTQ (lésbicas, gays, bissexuais, trans e *queer*) (CARRITO; ARAÚJO, 2013; CONNELL, 1995; PASCOE, 2003; PASCOE, 2007; ROCHA; FERREIRA, 2002), na esteira de um momento histórico de maior visibilidade e mobilização política do(s) movimento(s) feminista(s) e LGBTQ nos media e, conseqüentemente, na esfera pública.

Um dos marcos mais decisivos no estudo das masculinidades foi e é, sem dúvida, o trabalho de referência da socióloga australiana Raewyn Connell, que já desde os finais da década 1980, valendo-se dos contributos dos estudos feministas, tinha trabalhado género a partir de uma conceptualização que o interliga às manifestações sociais do poder. Com a sua icônica publicação *Masculinities* (1995), Connell começa por desconstruir a ideia de uma masculinidade una e fixa, como até então tinha vindo a ser tratada por discursos mais essencialistas. Na perspetiva de Connell, a masculinidade é, sobretudo, uma dinâmica dentro de sistemas contextualizados de relações de género e, como tal, detém também a sua própria complexidade interna e contradições. Desse modo, a constituição da masculinidade depende de diferentes *posicionamentos*, das conseqüentes *práticas* de acordo com estas posições e produz também os seus próprios *efeitos*. (cf. RABELO, 2010) Como tal, ao ser entendida como um processo disputável e virtualmente inacabado de estratificação social, Connell acaba por, canonicamente, elaborar e cunhar diferentes tipologias de ‘masculinidade’, entre as quais, a masculinidade hegemônica³. Com base na teoria da *hegemonia cultural* de Antonio Gramsci, Connell (1995) usa o conceito de hegemonia para se referir a um tipo de masculinidade que se impõe sobre todos os outros à custa da agressividade, dominação física e marginalização discursiva: a masculinidade hegemônica.

de estudos que partilham de uma *ótica feminista* no desafio que fazem às noções tradicionais de patriarcado e de privilégio masculino e é essa perspetiva que o estudo que este artigo ilustra, apoia.

3 Os outros tipos de masculinidades apresentados por Connell são: a ‘masculinidade subordinada’ – aquele tipo de masculinidade que afeta os homens que não se coadunam com um protótipo hegemônico (e.g. homens gays); a ‘masculinidade marginalizada’ – ou seja, aquele tipo de masculinidade que é hegemônica num dado contexto, mas marginalizada noutra (é o caso dos homens que exercem hegemonia por serem biologicamente homens, mas por causa da sua classe social ou racialização estão numa clara desvantagem estrutural, quando se muda de contexto); e a ‘masculinidade cúmplice’, isto é, o tipo de masculinidade que, embora não exercendo um papel ativo na dominação, permite que ela aconteça sem interferir na sua perpetuação. Estes protótipos vão ser criticados pelo modo como se parecem fazer cristalizar nas leituras que deles se fazem. (cf. PASCOE, 2003) A própria imputação de um determinado tipo de masculinidade a um determinado grupo é relativo. Por exemplo, Santos, Ferreira e Silva (2013) discutem como homens não heterossexuais não abdicam do exercício de uma masculinidade hegemônica, pelo menos em discurso e aparência. Ainda assim não deixam de ser interessantes como pontos de partida de análise para as dinâmicas masculinas.



Como o próprio nome indica, no interior de uma hierarquia de masculinidades, a masculinidade hegemônica ocuparia o lugar cimeiro, representando a forma culturalmente dominante e idealizada de hombridade. Tipologicamente, comportaria um número de características que os homens seriam encorajados a internalizar e que forma a base dos seus comportamentos, entre as quais: a violência e agressividade, restrição emocional, força física e disposições atléticas, gosto pelos desafios, riscos, aventuras e sensações fortes, competitividade, arrogância e despotismo, linguagem dura e “performance predatória”. (ROCHA; FERREIRA, 2002, p. 60) Ocupando uma posição cimeira, associa-se, fundamentalmente, aos homens brancos, heterossexuais de classe média e constrói-se fundamentalmente por oposição às mulheres e de outras formas marginais de ser homem contra os quais a própria masculinidade se debate para se constituir. (cf. BADINTER, 1996)

Muitas vezes tomada como uma teoria (ou parte dela), o conceito vai ser posteriormente criticado e conseqüentemente aprofundado (cf. CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2005)⁴, mas certamente se vai constituir como uma ferramenta heurística importante para a compreensão das culturas masculinas e para examinar a maneira pela qual o poder e os privilégios masculinos são produzidos e reproduzidos. (cf. CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2005) Ao reconhecer uma cultura normativa que pressiona os rapazes a agir de uma determinada forma, apartando novas possibilidades de ser masculino para muitos outros, o conceito servirá como um alvo de inquirição, obrigando à adoção de pensamentos, atitudes e práticas que obriguem ao seu reequacionamento.

A partir da década 2000, quer na academia, quer nos media, começa a ser usado também o conceito de “masculinidade tóxica” quando se quer referir a normas culturais tradicionalmente masculinas que são lesivas para a sociedade, para as mulheres e, inclusive, para os próprios homens, como, por exemplo, a limitação na expressão das emoções (com reflexos, por exemplo, ao nível do exercício da parentalidade), o correr riscos (e.g. abuso de substâncias), ou a demonstração de agressividade. (KUPERS, 2005) A masculinidade tóxica seria então o oposto de uma masculinidade serena, descontraída e segura e, portanto, objeto de inquirição e crítica. O conceito adquire notoriedade num contexto em que se multiplicam nas redes sociais on-line

4 As críticas são muito variáveis. Alguns/algumas autores/as criticam a invenção do conceito de masculinidade hegemônica quando já existe o conceito de ‘patriarcado’. (cf. ALVES, 2005) Outras/os criticam o facto de as masculinidades sempre tomarem o corpo sexuado do homem cisgénero como sujeito de enunciação, como se não houve masculinidade nas mulheres (cf. HALBERSTAM, 1998) ou como se a masculinidade de homens trans (transmasculinidades) não fosse passível de problematização. Sem se esquecer, a crítica comum ao ocidentalismo de tal conceito (cf. CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2005), assim como ao seu enfiar branco. (HALBERSTAM, 2005) Outras críticas referem que se ignora aspetos positivos da masculinidade (e.g. coragem) ou que não tem aplicação prática, uma vez que nenhum homem consegue reproduzir com exatidão um protótipo de masculinidade ‘perfeito’.



grupos antifeministas constituídos por homens cuja expressão não alinha, de modo óbvio, com a masculinidade hegemónica. Pelo contrário, a retórica usada por tais grupos recorre a cenários falsificados de “vitimização masculina”, celibatário involuntário (e.g. Incels) e “masculinidade beta” (GING, 2017), não sendo de espantar a sua associação congénita a movimentos de extrema-direta/*alt right*, que passam a adquirir maior visibilidade mediática em torno da eleição de Donald Trump em 2018.

Como explica Terry Kupers (2005), a masculinidade tóxica difere da masculinidade hegemónica na medida em que se concentra apenas em aspetos destrutivos da masculinidade (enquanto que a masculinidade hegemónica pode comportar aspetos considerados positivos como bravura, orgulho, destreza física ou provisão laboral). A toxicidade da masculinidade torna-se particularmente relevante no campo da educação escolar, que, como se sabe, é um contexto que, direta ou indiretamente, partilha dos alicerces sexistas e LGBTfóbicos em que se fundamenta a desigualdade social entre as pessoas e, por isso, um espaço onde a maior parte dos rapazes aprendem certas normas sociais, interesses e maneiras de ser rapaz que, muitas vezes, se repercutem em violência, agressividade, humilhação e *bullying*. (CARRITO; ARAÚJO, 2013; MENEZES, 2017; PASCOE, 2007; SANTOS, SILVA) Na década 1990 começam a aparecer estudos e perspetivas que parecem demonstrar uma preocupação com as pressões que a masculinidade hegemónica provoca nas vidas e nas oportunidades de acesso e sucesso de rapazes estudantes na escola, ao longo de diferentes níveis e ciclos de ensino. Realça-se, particularmente, as pesquisas de cariz etnográfico que procuram compreender como os rapazes na escola constroem performativamente a sua masculinidade (cf. MAC AN GHAILL, 1996; MCCORMACK, 2012; PEREIRA, 2012; PASCOE, 2007; ROCHA; FERREIRA, 2002) e que acabam, invariavelmente, por destacar os efeitos nocivos de uma masculinidade agressiva. (MANDEL; SHAKESCHAFRT, 2000)

Com base numa linha de investigação educacional, comprometida com o questionamento crítico do sexismo e da homofobia, e num contexto particular (o português), este artigo analisa o modo como jovens rapazes do novo milénio *constroem* as suas masculinidades localmente no espaço escolar, no interior de uma sociedade global em que não só se multiplicam os modelos de ser rapaz e homem, como também estes se tornam mais fluidos, e numa conjuntura histórica mais ampla de confronto com os feminismos de terceira (e quarta vagas) e com uma maior igualdade e visibilidade LGBTQ. Da análise, decorre o argumento de que é preciso transcender uma noção da masculinidade que a ancore apenas e somente às suas formas mais hegemónicas, ortodoxas e primitivas, e, por isso, considera-se o conceito de “masculinidades híbridas” interessante para (re)ler as masculinidades contemporâneas.



2. Mudanças sociais ou reprodução do status quo: a masculinidade híbrida como ferramenta de análise

A partir da década 2000, um crescente corpo da teoria sociológica sobre as masculinidades, com repercussões noutras esferas do saber, começa a apontar para a incorporação de releituras sobre os efeitos nas transformações contemporâneas no que toca ao ‘ser-se homem’. Nunca anulando as preocupações com os efeitos da masculinidade hegemónica, uma das questões centrais de tais indagações é: com a ampliação de novas possibilidades de vivenciar gênero e sexualidade (e.g. metrossexualidade, *bromance*), pode-se continuar a abordar a masculinidade apenas no que concerne aos seus aspetos hegemônicos, como se ela fosse um objeto estanque, ou pode-se contemplar também o impacto e dinâmicas que as mudanças e transformações políticas, sociais e culturais têm nelas? Nesse período começa a aparecer toda uma literatura que se dedica a estudar outras possibilidades de (re)leitura, para lá da virilidade dominante, ao nível dos comportamentos, atitudes e expressões, fazendo interrogar a preponderância de uma masculinidade mais ortodoxa (SILVA; ARAÚJO, 2007), e novos modos de olhar e conceber as masculinidades começam a emergir, refletindo-se no aparecimento de novos conceitos como, por exemplo, o conceito de ‘masculinidade inclusiva’, de Eric Anderson (2009), ou de ‘masculinidade *queer*’, de John Landreau e Nelson Rodriguez (2012)⁵.

Subjacente a muitos desses debates estão as velhas tensões sociológicas entre agência e estrutura, mas também a volubilidade das próprias transformações sociais e políticas numa década (2011-2021) em que, ao mesmo tempo que se assiste a tantas mudanças legais no que concerne aos direitos de mulheres e da população LGBTQ na sua primeira metade, se apavora perante a possibilidade de um *backlash* conservador (e.g. com a retórica da ‘ideologia de gênero’) na segunda.

Ao nível acadêmico, como referem Bridges e Pascoe (2014), o debate tem-se dividido entre três posições fundamentais: 1. aqueles/as que argumentam que as eventuais mudanças no plano das masculinidades devem ser compreendidas como variações locais sem importância (cf.

⁵ O conceito de ‘masculinidade inclusiva’ refere-se a um tipo de masculinidade que em vez de se dedicar a excluir grupos de homens pelas suas características, implica a sua inclusão. É inicialmente cunhada por Eric Anderson para se referir ao modo específico como a masculinidade de jovens heterossexuais, ao contrário do que defende uma grande parte da literatura, tem-se tornado mais suave, horizontalizada, não necessitando do repúdio abjeto a possibilidades homossexuais para se legitimar, num contexto mais amplo de erosão do patriarcado e decréscimo do sexismo. Conjuntamente com os trabalhos de Mark McCormack (2012), a sua teoria da masculinidade inclusiva deve ser lida no interior de uma constelação conceptual onde vigoram conceitos como, por exemplo, de ‘homohisteria’, i.e., o medo de ser tomado como homossexual (ou não heterossexual) por um comportamento atípico quanto ao gênero. Já a ‘masculinidade *queer*’, apresentada por John Landreau e Nelson Rodriguez (2012) refere-se aos modos como os sujeitos *queer* desestabilizam as atitudes, crenças e comportamentos heteronormativos, num dado contexto (geralmente a escola), embora, muitas vezes, o termo seja usado erroneamente como um sinónimo de como os homens heterossexuais se apropriam da cultura *queer* para se expressarem.



CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2005); 2. aqueles/as que defendem que se assiste hoje a uma difusão da masculinidade hegemônica, com repercussões, por exemplo, nas expressões de ser homem (cf. ANDERSON, 2009; MCCORMACK, 2012); e ainda aqueles/as que, nunca deixando de reconhecer como aconteceram mudanças incontornáveis no campo do gênero e da sexualidade, com impacto direto nas vidas quotidianas de mulheres e pessoas LGBTQ, argumentam que essas mudanças são, invariavelmente, frágeis e, em muitos casos, ilustram a flexibilidade com os sistemas de desigualdade tem em se adaptar a essas mesmas mudanças.

É nesse contexto que surge o conceito de ‘masculinidade híbrida’. (ABOIM, 2008; BRIDGES; PASCOE, 2014) Inicialmente presente no léxico das ciências naturais, o termo ‘híbrido’ tem sido mobilizado nas ciências sociais como um sinónimo de miscigenação cultural, para se referir à incorporação de elementos diversos num mesmo fenómeno. (ABOIM, 2008) De acordo com Tristan Bridge e Cheri Jo Pascoe (2014, p. 246), funcionando como uma ferramenta de revisão crítica da teoria e da pesquisa que busca dar sentido às transformações contemporâneas na masculinidade, a masculinidade híbrida “referem-se à incorporação seletiva de elementos de identidade tipicamente associados a várias masculinidades marginalizadas e subordinadas e - às vezes – feminilidades, e em performances e identidades de gênero de homens privilegiados”, sendo uma das consequências a capacidade tácita, nem sempre explícita, de que a masculinidade híbrida tem de obscurecer formas de desigualdade de gênero. Dentro da mesma linha, e considerando o hibridismo como formas combinatórias e negociais de masculinidade que não podem ser simplesmente consideradas subordinadas ou marginais, Sofia Aboim (2008, p. 275) defende que “a masculinidade, que, num dado contexto histórico, ocupa uma posição hegemônica, parece-se menos com um sistema dualista e mais com um bloco híbrido que incorpora elementos diversos e até contraditórios”, reforçando o seu caráter mestiço.

3. Compreender as culturas masculinas contemporâneas na escola: opções metodológicas

Apesar de tudo, o conceito de masculinidade híbrida tem sido pouco mobilizado como lente reflexiva para analisar os dinamismos das masculinidades contemporâneas, confinando-se à esfera meramente teórica e especulativa do debate acadêmico. O que se oferece com este artigo é a possibilidade de o discutir a partir de um estudo concreto desenvolvido num contexto peculiar que é o escolar, e cujo objeto foi a violência homofóbica. (cf. SANTOS, 2018) Com ele, pretendia-se visibilizar, discutir e compreender a violência homofóbica e heteronormativa ‘na’ escola, a partir de fenômenos específicos como os sentidos e experiências de *bullying*



homofóbico, as atitudes e discursos sobre diversidade sexual e a abordagem ou não abordagem curricular de tópicos LGBTQ, o que no contexto português se apresenta como inovador, uma vez que “tem sido pouca a reflexão no geral, na teoria educacional, quando o assunto é gênero e sexualidade”. (SANTOS, 2019, p. 945) Nesse sentido, este artigo traz para explorar alguns dados relativos a essa pesquisa qualitativa em que o objeto não sendo a masculinidade, foi necessário interpela-la para melhor compreender a homofobia e as suas diversas formas. (cf. SANTOS, 2018)

Uma das constatações, em linha aliás com aquilo que tem sido demonstrado em variadíssimos estudos (MAC AN GHAILL, 1996; MCCORMACK, 2012; PASCOE, 2007; PHOENIX; FROSH; PATTMAN, 2003; WELZER-LANG, 2001), é que a homofobia é, sobretudo, uma “expressão da masculinidade”. (SANTOS; SILVA; MENEZES, 2017, p. 122) Contudo, ao contrário do que às vezes é veiculado ou sugerido, a homofobia masculina não se circunscreve a formas agressivas e primitivas, pelo menos neste estudo, mas detém-se antes nas subtilezas dos discursos e da sua discrepância com as práticas. É por isso que o conceito de masculinidade híbrida se apresenta como uma boa grelha de análise para detetar e denunciar essas subtilezas.

Do ponto de vista metodológico, optou-se, desde logo, por uma abordagem qualitativa na qual auscultar os principais sujeitos educacionais – os/as estudantes – foi crucial, assim como compreender os planos culturais em que se movimentam, entrando em linha de conta com a preferência manifesta dos estudos de gênero que tomam as abordagens centradas nas vozes como “potencializadoras da emergência da subjectividade” (RABELO, 2010, p. 169) – ainda admitindo, obviamente, que as vozes comportam diferentes valores e naturezas ideológicas. Como técnicas principais, foram mobilizados os grupos focais, as entrevistas semiestruturadas e a observação participante, cada uma delas dedicada a explorar diferentes aspetos do mesmo objeto e mobilizadas em planos temporais distintos.

Nos grupos focais, procurou-se compreender as perspetivas e atitudes de grupos de jovens sobre os fenômenos acima referidos; nas entrevistas semiestruturadas, procurou-se compreender os mesmos temas, mas individualmente e de forma aprofundada, com um grupo pré-selecionado com base nos seus discursos e nível de participação nos grupos focais, e na observação participante, com inspiração numa longa tradição de etnografias sobre performatividade de gênero (cf. MAC AN GHAILL, 1996; PASCOE, 2007; PEREIRA, 2012), procurou-se conhecer as culturas genderizadas e sexuais dos/as jovens de uma das escolas (a Escola Rosa) de um modo mais autêntico e descomprometido, acedendo aos seus mundos de um modo menos artificial e mais naturalista. Nesta última fase da pesquisa, problematizou-se,



particularmente, a constituição dos/as jovens enquanto sujeitos genderizados, nos diferentes modos como masculinidades e feminilidades são negociadas na interação e as implicações que essa constituição tem na expressão da violência homofóbica.

A pesquisa inicia-se com um pedido a várias escolas secundárias do ensino público português para a participação de estudantes em grupos focais (e posteriormente entrevistas) para conversar sobre temas como *bullying* e sexualidade, sendo as escolas selecionadas pela sua proximidade geográfica à instituição onde a pesquisa decorreu (Norte litoral de Portugal). No final, envolveram-se na pesquisa doze escolas e realizaram-se 36 grupos com 351 jovens (171 rapazes e 180 raparigas) entre 2015 e 2018. Em três escolas, além dos grupos e das entrevistas, fui convidado para participar como formador, integrado na unidade curricular de Educação para a Cidadania, da qual algumas das funções era organizar atividades extracurriculares para os/as alunos/as, dar palestras sobre sexualidade e acompanhar alguns jovens no apoio tutorial ao estudo. Tal função, pela sua quotidianidade, permitiu-me mobilizar a observação participante como método para aprofundar o meu conhecimento sobre as perspetivas dos/as jovens que tinha contactado inicialmente.

À medida que ia conhecendo os/as jovens, na posição de um ‘informante privilegiado’ (PEREIRA, 2012), ia tendo acesso às expressões mais verdadeiras das culturas juvenis que não encontrava nos grupos focais iniciais, revelando o quão rica era a observação participante. Embora mobilizada em todas as fases do projeto, foi nos seis meses finais, findos os grupos focais e as entrevistas, que me dediquei a acompanhar os jovens na escola, e muito particularmente os jovens de uma turma de quem me tornei mais familiar: o 10º B.

A Escola Rosa é uma escola grande, localizada no Grande Porto, com cerca de 1100 alunos e, segundo algumas funcionárias, tende a ser frequentada por famílias com recursos económicos e culturais médios e elevados. As suas instalações são relativamente recentes e fica localizada próximo a uma grande artéria da cidade. Como acontecia geralmente em relação a todas as decisões, a deliberação de me integrar numa das turmas foi da diretora de turma, e uma das justificações é que se tratava de uma turma ‘bem-comportada’. O 10º B tem 25 alunos/as – 16 raparigas e 9 rapazes – com a média de idades de 16 anos e, como acontece geralmente na maior parte do território, a maior parte é branca e de nacionalidade portuguesa. (PEREIRA, 2012)

Durante o período de trabalho de campo, fiz observação participante, registando num diário ou em pequenos blocos de notas, incluindo no telemóvel, pequenos apontamentos que depois transferia, de forma mais desenvolvida, para um diário de campo. Ao longo de seis meses, com frequência diária na escola, produzi 120 notas de terreno, relativamente extensas, e os



aspectos observados foram bastante diversos, incluído: 1. descrição dos espaços; 2. conversas informais com jovens, professores/as e funcionários/as dentro e fora da sala de aula (muitas vezes, apresentada em discurso direto) 3. observações comportamentais e interacionais; e 4. reflexões metodológicas e éticas. Depois de escritas, as notas de terreno foram analisadas com recurso a análise temática, numa lógica dedutiva. (BRAUN; CLARKE, 2012) Da análise, emergiram diversos temas com respetivos subtemas. Não se apresentam os temas e subtemas do estudo, pois alguns deles já foram discutidos em trabalhos anteriores (cf. SANTOS, 2018; SANTOS; SILVA; MENEZES, 2017, 2018), mas mobilizam-se alguns dados para discutir a possibilidade de olhar a construção performativa das masculinidades a partir das lentes de uma masculinidade híbrida. Faz sentido esse conceito para pensar a masculinidade hoje?

4. Discussão: masculinidades híbridas em ação no recreio

Um dos temas emergentes foi a construção performativa das masculinidades, a partir do qual esta análise foca⁶. Examinando como é que os rapazes produzem (constroem e contestam), diariamente e de forma ativa, as suas masculinidades, observa-se que, ao contrário do que é documentado, os traços e expressões evidentes daquilo que poderia ser considerada uma masculinidade hegemônica (e.g. agressividade, exclusão etc.) não são propriamente generalizadas. Há sim uma pluralidade de formas e tipos de ser rapaz. A cada grupo, tribo ou (sub)cultura masculina – ‘os betos’, ‘os gunas’, ‘os atletas’, ‘os *nerds*’⁷ – corresponde, em certa medida, um determinado modo de exercer a masculinidade – uma mais hegemônica (‘os gunas’, ‘os atletas’), uma mais subordinada (‘os *nerds*’, ‘os betos’) e outras mais marginalizadas (e.g. os jovens com incapacidade física, autistas) –, e a esses grupos é atribuído também um certo valor consoante àquilo que se julga aceitável ou não, dentro do que significa ser ou não ser, muito ou pouco, ‘masculino’. Contudo, o modo como os rapazes poem em *démarche* a expressão dos seus privilégios masculinistas não é propriamente evidente. Mesmo os grupos mais hegemônicos (e.g. os ‘gunas’) precisam viver uma masculinidade constantemente (re)negociada com os restantes atores sociais. (PASCOE, 2007)

Um olhar mais aprofundado permite-nos ver que formas subtis de sexismo e homofobia são bastante corriqueiras, emergindo no interior de uma ordem simbólica que organiza as masculinidades hierarquicamente, com o consentimento tácito de cada grupo de rapazes, como

⁶ Usam-se dados obtidos com os diferentes métodos para aprofundar o argumento que se quer desenvolver na medida em que a própria discrepância triangulada dos dados obtidos com uma ou outra técnica são parte desse argumento, embora fosse com a observação participante que se teorizasse mais sobre a masculinidade. Ainda que não fosse parte do objeto, traz-se também à discussão as questões do sexismo para melhor sedimentar o argumento acima referido.

⁷ Estes rótulos são mobilizados pelos próprios jovens exatamente por essas designações.



aliás tem sido referenciado na literatura sobre ‘culturas masculinas’ na escola. (CONNELL, 1995; PEREIRA, 2012) Significa isto que, embora formas primitivas de masculinidade aparentemente não sejam comuns – geralmente, os jovens tendem a interpretá-las como ‘infantilidade’ e a atribuí-las aos colegas mais novos de anos anteriores –, no âmbito das suas imunidades, os rapazes não deixam de reproduzir e usufruir de privilégios quanto ao seu género. É por isso que aqui o conceito de ‘masculinidade híbrida’ ilustra muito bem esta ambiguidade em que, ao mesmo tempo que a masculinidade hegemónica é rejeitada, a eternização subtil de um sistema desigual de género é perpetuada, sendo ela constituída por três subterfúgios fundamentais – 1. distanciamento discursivo; 2. paternalismo subtil; e 3. emprego estratégico –, detalhados a seguir.

4.1 Distanciamento discursivo da masculinidade hegemônica

Uma das características da masculinidade híbrida, segundo Bridges e Pascoe (2014), é o distanciamento que os sujeitos fazem das características comumente atribuídas ou associadas com a masculinidade hegemónica (e.g. atitudes preconceituosas, discriminação, agressividade etc.), pelo menos, ao nível do discurso, ao mesmo tempo que, do ponto de vista das práticas, continuam a perpetuar formas evidentes de expressão de uma masculinidade hegemónica. Ora, também nesta pesquisa, os rapazes procuravam distanciar-se, sempre que possível, de posições, quer sexistas – mostrando-se recetivos a discursos e iniciativas igualitárias, contra a violência de género por exemplo –, quer homofóbicas, certificando-se, sempre que possível, de que não são preconceituosos nem discriminam. (SANTOS; SILVA; MENEZES, 2018) Esse distanciamento era tanto ou mais evidente, se tivermos em conta a discrepância sentida entre o que é dito nos grupos focais e o que é vivido nas interações quotidianas. No que concerne ao sexismo, por exemplo, era comum ouvir-se expressões de apoio sobre a igualdade de género – “apoio [a igualdade entre sexos]! São direitos iguais” (Filipe) – e/ou de censura imediata da violência doméstica/contra as mulheres/femicídio, com muitos discursos masculinos a demonstrarem revolta contra os agressores, como ilustra o discurso do Bruno:

*Para mim, era pegar esses cabr*** e fazer-lhes o mesmo. Bater em mulheres? Cobardolas! Não entendo como se pode bater nas mulheres, é coisa de gente cobarde mesmo. Nós, homens, devemos defender as mulheres, não bater nelas. Havia de ser comigo. Levavam logo nos cornos! (Bruno, GDF04, Escola Azul)*

Apesar de uma oposição generalizada à violência contra as mulheres, principalmente quando apresentada sob a forma de agressão íntima, isso não significa que o sexismo esteja



absolutamente ausente dos discursos e práticas, sobretudo quando se analisa, por contraste ao que é dito nos grupos focais, as interações quotidianas de muitos rapazes em situação de grupo. (PHOENIX; FROSH; PATTMAN, 2003) Nessas interações, expressam-se atitudes e comportamentos de desvalorização sexista, e emitem-se frequentemente comentários do mesmo cariz, que, como se sabe, são uma parte significativa da estrutura que sustenta a violência endêmica contra as mulheres. Esses comentários ora mimetizam uma certa ‘guerrinha dos sexos’, sendo ditos de forma humorística e, por vezes, aparentemente não intencional, aparentando até ter a colaboração das raparigas (WILLIAMS, 2013), ora expressam-se sob formas de exclusão expressiva, com uma separação ou segregação concreta entre sexos a ser acionada, como no exemplo em baixo mencionado:

Durante o período do recreio, o Luís, o Pedro, o Daniel e o Jonas estão numa mesa do Polivalente, comendo os seus lanches. Conversavam sobre as raparigas e riem muito. O Luís elogia o rabo da Cris e o Daniel exalta-se: ‘que boa!’. De braço dado com a Cândida, a Joaquina passa perto do grupo e diz que também se quer juntar para rir com eles. A Cândida diz que não pode, que estão a falar sobre raparigas. O Daniel faz um ar emburrado e diz que aquilo é só para rapazes, que ela não iria perceber nada e pede para ‘bазarem’. A Joaquina revira os olhos e vai embora. O Daniel vira-se para os companheiros, ri-se e comenta: que toinas! (Diário de Campo, 18/04/2018)

Noutros momentos, o sexismo é ainda mais subtil e assume contornos de ridicularização paródica às feminilidades. Uma das situações mais evidentes ocorreu quando, no âmbito de uma iniciativa contra a violência de gênero, foi sugerido pelos/as professores/as aos rapazes para se vestirem com roupas geralmente atribuídas ao sexo feminino, para assim gravarem um vídeo e chamar a atenção para a desigualdade salarial com *slogans* como “o nosso sexo é importante no trabalho?” ou “devo ganhar menos por que sou mulher?”. Mesmo que discursivamente solidários com o tema, muitos rapazes brincavam com o uso de roupas femininas, sobre as suas alegadas incapacidades de usar batom ou andar de salto alto e sobre o potencial desejo sexual por pessoas do mesmo sexo. Ou seja, embora discursivamente pareçam apoiar iniciativas, neste caso, antixistas, não deixam, através da paródia, de reproduzir subtis desigualdades de gênero, de um modo raramente questionado, inclusive pelos/as educadores/as que observam as cenas e em vez de intervirem, limitam-se cúmplice a rir. Ou seja, essas piadas alinham discursivamente os rapazes com elementos da masculinidade hegemônica, mesmo que os discursos procurem dizer o contrário, com o humor a funcionar aqui como uma capa protetora e incauta que os coloca acima de qualquer suspeita. (BRIDGES, 2010)



4.2 Paternalismo e discriminação sutil

Outras vezes, o sexismo dos rapazes assumia certos contornos paternalistas que pareciam reinscrever uma lógica, ora assimétrica e binária de vivenciar gênero (homem protetor vs. mulher indefesa), com os rapazes a personificarem o papel de agentes de salvação das mulheres, ora flagrantemente heteronormativa, com parte dessas intenções a derivarem também de interesses e desejos eróticos. (BRIDGES; PASCOE, 2014)

*Tipo, bater em mulheres é uma cena de animal mesmo. Não tem explicação. Revolta-me mesmo, mano. Não entendo como se pode gostar tanto de mulheres e bater nelas [pisca o olho para a Susana que revira os olhos]. (Jorge)
[Susana revira os olhos]: A sério, Jorge? Poupa-me... [Jorge ri-se]. (Susana)
As mulheres são como flores [risinhos]. (Telmo) (Diário de Campo, 13/03/2018)*

O discurso do Jorge é um claro exemplo de como não só se invoca um certo paternalismo travestido de preocupação aparentemente real com a violência sexista – aliás, como tantos outros discursos de rapazes que se revoltam contra o sexismo, sobretudo quando estão na presença das suas congêneres femininas –, como não tem pudor nenhum em recorrer a um alegado *flirt* para sedimentar a sua posição. Esta injunção entre discursos paternalistas e *flirt*, embora pareçam inocentes, são parte constitutiva de formas de violência sutil que a pesquisa sobre as culturas sexuais de jovens em territórios educativos tem demonstrado ser bastante comum. (cf. WILLIAMS, 2013) São também um claro exemplo de como a masculinidade hegemónica é reproduzida por outros meios. Analisando discursos sobre a ‘Guerra ao Terror’, durante a era Bush, Messerschmidt (2010) discute como ambos os presidentes mobilizaram discursos que, em vez de apelarem à violência ou à raiva, invocaram aspetos humanos, sensíveis e empáticos – traços comumente associados à feminilidade – em sua retórica masculina, mostrando o quão hegemônica a masculinidade poderia ser.

Nesse caso, as masculinidades, em toda a sua fluidez, são capazes de incorporar elementos associados tipicamente à feminilidade para obscurecer as fronteiras de gênero, enquanto reproduz os sistemas de poder existentes e autoridade. (SANTOS; AMÂNCIO, 2014) Também nas questões LGBTQ, um dos discursos dominantes era um discurso imediato de rejeição da homofobia, com os rapazes a deixarem bem claro “*não ter nada contra a homossexualidade*” (Pedro), um tipo de discurso que aliás tende a ser identificado nos estudos mais recentes sobre homofobia na escola. (cf. SANTOS; SILVA; MENEZES, 2017, 2018) Em muitos casos, é verdade que, quer nos grupos focais, quer nos quotidianos, estes rapazes conviviam, em diferentes níveis, com outros rapazes assumidamente ou expressamente gays ou



bissexuais, assim como não eram comuns atitudes expressamente homofóbicas de repulsa, nojo ou ódio contra sujeitos LGBTQ, reais ou potenciais. Aliás, em muitos casos, os rapazes subscreviam uma narrativa LGBTQ-friendly, reforçando a sua solidariedade contra a violência de que as pessoas LGBTQ eram/são alvo.

O distanciamento era tal que, em alguns grupos, tendia a haver uma identificação dos perfis como mais expressivamente homofóbicos, sendo apontados, geralmente, os jovens rapazes do “Bairro Social”, e muito particularmente certos subgrupos como “os gunas”:

Conseguem dizer-me quem é que faz mais bullying, que grupos...? (Hugo)
O pessoal do Bairro! O pessoal do Bairro é que não aceita... (Artur)
Sim, nós temos aqui um Bairro e nota-se que quem faz mais bullying são eles. Eles é que é tipo, chegam, começam logo a gozar, as pessoas têm medo deles. (Rosa)
E mesmo na questão da homossexualidade, eles são muito intolerantes. (Rosa) (GDF2, Escola Vermelha)

Esta indigitação com quem é homofóbico está relacionada a uma negação da sua própria homofobia pessoal ou institucional e.g. – “*aqui não há homofobia! Pode haver noutras escolas, nesta não*” (GDF1, Escola Vermelha) – era bastante comum e demonstra bem como os rapazes não têm pudores em se demarcarem da masculinidade hegemônica. Outras vezes, o distanciamento era tão demarcado que as reações pareciam ser de raiva contra alguém que os acusasse de preconceito ou homofobia. Mas isso não significa que os mesmos rapazes que recusavam ou negavam ser homofóbicos deixassem de tecer afirmações preconceituosas que reafirmem a natureza hegemônica da sua heteromasculinidade homofóbica.

Um tipo de discurso muito comum era o ‘discurso tolerante’, isto é, um determinado tipo de discurso em que os sujeitos LGBTQ eram aceites, mas desde que cumprissem um conjunto de pré-requisitos, expressos ou não. Um desses pré-requisitos era a discrição sobre a sua homossexualidade, ou seja, outros rapazes *queer* podem ser aceites, mas desde que se comportem dentro das regras heteronormativas tacitamente aceites pelo grupo dominante e uma das regras era a sobriedade. (cf. SANTOS; FERREIRA; SILVA, 2013) Ou seja, trata-se de um ‘discurso da tolerância’: “um discurso de distanciamento higiênico face ao outro, mas, muitas vezes, quando esse distanciamento se torna impossível – e no caso das pessoas LGBT é-o de facto, porque estão em todo o lado –, assume, na verdade, uma forma de ‘aceitação condicional’”. (SANTOS, 2018, p. 220).

Ainda que não fossem observadas muitas práticas agressivas de reforço heteromascuino, como o observado noutros estudos (cf. MAC AN GHAILL, 1996; PEREIRA, 2012), certos comentários desdenhosos eram acionados em algumas situações. Por exemplo, era comum aquilo



que Mark McCormack (2012, p. 90) denomina de “recuperações heterossexuais”, isto é, “estratégias que os rapazes usam para estabelecer e manter identidades heterossexuais sem, alegadamente, invocarem a agressividade homofóbica”. Isso acontece, ora de um ‘modo conquistal’, quando os rapazes emitem a sua opinião sobre homossexualidade, mas reforçando os seus desejos por mulheres – “*Eu gosto de mulheres, mas tipo, não tenho nada contra os gays...*” (Rafa) –, ora de ‘modo irônico’, quando a emissão de atitudes positivas são acompanhadas de proclamações sarcásticas de potencial desejo homossexual. Um exemplo disso é quando num dos dias em que acompanhei os rapazes nas aulas de Educação Física e Pedro e Daniel (dois dos mais populares da turma) caminharam até à porta do balneário. Pedro estava atrás de Daniel, abraçando-o no pescoço. Daniel então abaixou os braços para a cintura de Pedro e derrubou-o para o chão. Um momento depois, Daniel pulou para cima e para baixo, gritando energicamente: “*Estou com tesão! Vamos lutar! Estou com tesão!*”. Pedro riu e caiu no chão, esmagando Daniel debaixo dele. Ficaram imóveis por alguns segundos antes de Pedro se levantar e depois ajudar Daniel a levantar. Estes exemplos demonstram como não se pode falar de uma masculinidade hegemónica somente. Mas tampouco, ao contrário do que propõe McCormack, se pode fechar os olhos a uma ridicularização subtil de potencialidades homoeróticas, sem um paralelo heterossexual.

Um outro aspeto a destacar era a discrepância entre os discursos e as práticas, seja ao nível das posições manifestas entre o início de um grupo focal e o seu final, seja ao nível da posição diferenciada quando se está num grupo focal ou quando se está a falar informalmente noutro contexto, gerando-se ‘narrativas contraditórias’. (PHOENIX; FROSH; PATTMAN, 2003) É o caso de Alex, que, no início de um dos grupos focais, refere desvalorizar a homofobia com a ideia de que não importa a nossa orientação sexual, mas que, durante o grupo, faz comentários desdenhosos como “*quem percebe de homossexualidade é o Rui [risos]*” (GDF03, Escola Verde), ou do Artur que, depois de se mostrar compreensivo contra a homofobia, no fim de um dos grupos, refere: “*mas se toda a gente for homossexual, o mundo acaba, né?*” (GDF02, Escola Roxa), obrigando uma das colegas, assumidamente bissexual, a propor-me: “*não quer gravar isto?*”. Phoenix, Frosh e Pattman (2003) constataam, na sua pesquisa, que os rapazes em grupo tendem a ser mais homofóbicos do que quando estão sozinhos, atribuindo esse facto à pressão para expressar homofobia em grupo. Aqui verifica-se o contrário: a pressão do grupo e a desejabilidade social (SANTOS, 2018) obriga a adoção de posições – como se costuma dizer hoje em dia – politicamente corretas; mas quando estão mais resguardados, a sua genuína posição LGBTQfóbica emerge, sem pudor.



4.3 Empréstimo estratégico de elementos feministas e queer

Uma outra característica da masculinidade híbrida é a sua capacidade de assimilar certos elementos feministas e *queer* (ou alegadamente feministas e *queer*) e utilizá-los sem que isso afete, por sua vez, a expressão hegemônica da sua masculinidade. Este tipo de atitude mimetiza e assemelha-se, em certa medida, com o conhecido fenômeno da apropriação cultural como o ato de tomar posse cultural de algo que não lhe pertencia. (SCHNEIDER, 2003) Também nesta pesquisa, longe de representarem apenas agressividade – como a cultura *lad* (MAC AN GHAILL, 1994) –, as culturas masculinas se apropriavam de elementos femininos e *queer* para expressarem parte das suas identificações e simbolismos. Por exemplo, longe de serem despreocupados, os rapazes da minha pesquisa partilhavam certas características tidas como femininas como, por exemplo, a vaidade, manifesta com a preocupação com o aspeto físico:

Que cera usas no cabelo? [pergunta-me]. (Luís)

Não uso. (Eu)

Parece que usas. Eu uso uma muita boa da Garnier. Mas curtia bué comprar uma com cheiro a coco, que anda agora a aparecer na televisão. (Pedro)

Yaaaa, sei, a minha irmã vende isso naquelas cenas da Avon... (Luís)

Estás na tanga... Compra-me um, bro. (Pedro) (Diário de Campo, 10/05/2018)

Nesta conversa, rapazes, expressamente masculinos, falam sobre cera para cabelo e penteados, sem preocupações de serem ‘homossexualizados’. O Luís não era propriamente ridicularizado pelos colegas rapazes por fazer este tipo de questões. Pelo contrário: poderia manter uma conversa comigo (e com os colegas) sem que perguntas sobre o tipo de cera ou roupa que usam, ou a música que ouvem, possa ser entendida como algo pejorativo. Mesmo os rapazes aparentemente mais arquetipicamente masculinos não deixavam de manifestar certos cuidados com o aspeto físico. Os pormenores podem-se concentrar num brinco, numa tatuagem, no penteado ou na combinação de cores, como é o caso do Lucas, que, sendo aquilo que os colegas chamam de ‘agunado’, fica ‘fulo’ se lhe mexem no cabelo – “*estás maluco, meu? Baza, oblá!* [Gritava Lucas enquanto os colegas se ‘grizavam’”. (Diário de Campo, 2018) Este ‘empréstimo estratégico’ (BRIDGES; PASCOE, 2014) de elementos feministas e *queer* estendia-se ao uso da linguagem com alguns rapazes a usarem chavões, geralmente, associados àquilo que se convencionalizou chamar ‘cultura gay’ (SANTOS; FERREIRA; SILVA, 2013) para se afirmarem, como ‘estou passada’, ‘chocada’ ou ‘sofrida’, às vezes, com os seus colegas gays:

Estávamos a assistir o jogo da bancada. Digo ao Jorge que não gosto muito de futebol. O Jorge responde que também não gosta. Vê porque é quase ‘obrigado’. O Diogo



aparece e beija o Jorge na cara. Senta-se e pergunta como está o jogo. (Diário de Bordo, 23/05/2018)

Neste caso em particular, o beijar na cara entre um rapaz assumidamente hétero (o Diogo) e um rapaz assumidamente gay (o Jorge), num contexto potencialmente homofóbico (a bancada do balneário), é o elemento simbólico de apropriação, retirado de ‘ambientes gays’, onde geralmente homens *queer* se cumprimentam desse modo. (cf. SANTOS; FERREIRA; SILVA, 2013) Ainda que esses usos, muitas vezes, possam cair numa parodização típica de uma recuperação heterossexual (MCCORMACK, 2012), muitos rapazes usavam esses termos, demonstrando, no mínimo, um conhecimento sobre estes elementos. Simultaneamente, pareciam conhecer elementos associados a este universo, como bares das cidades como o Pride (bar orientado para a população LGBTQ situado na cidade do Porto) assim como certas pessoas do meio.

Extremamente diferente das performances agressivas e homofóbicas da masculinidade hegemônica que caracterizam a heteromascunidade, estes rapazes não só convivem bem com elementos *queer*, como os integram nas suas práticas e discursos. Contudo, não só fazem-no por via de uma certa ridicularização, como, sempre que podem, regressam às velhas formas primitivas da masculinidade hegemônica. Como explicam Tristan e Pascoe (2014), ao cooptar elementos de estilo e performance de masculinidades menos poderosas, as hibridizações dos homens brancos muitas vezes obscurecem as fronteiras simbólicas e sociais entre grupos nos quais essas práticas se baseiam. Através deste processo, sistemas de desigualdade estão ainda mais arraigados e ocultos de maneiras historicamente novas, geralmente ao longo de linhas de corrida, gênero, sexualidade e classe.

5. Conclusão

Os estudos sobre as masculinidades têm feito um longo percurso como uma dimensão importante dos estudos de gênero e tem trazido uma nova luz nas possibilidades de mudança social de comportamentos nocivos que gravitam em torno das masculinidades. Parte dessa crítica dá-se contra a masculinidade hegemônica (e mais recentemente, a masculinidade tóxica), que não só limita outras possibilidades de masculinidade como torna mulheres e pessoas LGBTQ alvos e objetos de desumanização, inferiorização e extermínio. Contudo, nos últimos anos, em decorrência de mudanças sociais e legislativas, a possibilidade de outras masculinidades tem ocupado lugar como uma das questões principais nos estudos sociológicos sobre a masculinidade. É neste âmbito que emerge o conceito de masculinidade híbrida como uma modo



de perspetivar, por um lado, mudanças evidentes na expressão hegemônica das masculinidades e, por outro, na reprodução das masculinidades hegemônicas e tóxicas habituais, ainda que mais insidiosas.

Partindo de um estudo em concreto sobre *bullying*, homofobia e sexualidade, com recurso metodológico a uma diversidade de técnicas, discute-se se o conceito de masculinidade híbrida serve como referencial para pensar as masculinidades na escola. Verifica-se, através dos comportamentos e atitudes dos rapazes, que, se por um lado não se pode falar de uma masculinidade primitiva e ortodoxa – pelo contrário: uma parte significativa das culturas masculinas é permeada por mudanças –, tampouco se pode dizer que estamos perante masculinidades inclusivas (ANDERSON, 2009) que acolhem equalitariamente todas e todos. O sexismo e a homofobia subtil continuam a marcar presença e desta vez de uma forma mais insidiosa, o que torna mais difícil o seu combate. Obviamente que este é um estudo muito particular e contextualizado e que a discussão deve ir mais longe das circunstâncias – trata-se de um estudo em escolas de classe média, com jovens do secundário, setores, de si, menos discriminatórios –, mas admite-se a possibilidade que esta discussão possa servir como um ponto de partida questionador que nos permita aprofundar os sistemas de opressão masculinista que tornam a vida de mulheres e pessoas LGBTQ menos vivíveis.

Referências

- ABOIM, S. Masculinidades na encruzilhada: hegemonia, dominação e hibridismo em Maputo. *Análise Social*, Lisboa, v. 43, n. 2, p. 273-295, 2008.
- ALVES, M. de F. Masculinidade/s: considerações a partir da leitura crítica de alguns textos que focalizam homens. *Revista Ártemis*, Curitiba, v. 3, p. 1-13, 2005.
- AMÂNCIO, L. *Masculino e feminino: a construção social da diferença*. Porto: Afrontamento, 1994.
- ANDERSON, E. *Inclusive masculinity: the changing nature of masculinities*. London: Routledge, 2009.
- BADINTER, E. *XY: a identidade masculina*. Porto: Asa, 1996.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Oeiras: Celta, 1999.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Thematic analysis. In: COOPER, D. H. (ed.). *The handbook of research methods in psychology*. Washington, DC: American Psychological Association, 2012. p. 57-71.
- BRIDGES, T. Men just weren't made to do this. *Gender & Society*, Thousand Oaks, v. 24, n. 1, p. 5-30, 2010.
- BRIDGES, T.; PASCOE, C. J. Hybrid masculinities: new directions in the Sociology of men and masculinities. *Sociology Compass*, Hoboken, v. 8, n. 3, p. 246-458, 2014.



- BUTLER, J. *Problemas de género: feminismos e subversão da identidade*. Lisboa: Orfeu Negro, 2017.
- CARRITO, M.; ARAÚJO, H. C. A “palavra” aos jovens: a construção de masculinidades em contexto escolar. *Revista Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, n. 39, p. 139-158, 2013.
- CONNELL, R. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. *Gender & Society*, Thousand Oaks, v. 19, n. 6, p. 829-859, 2005.
- EPSTEIN, D. Real boys don't work: Underachievement, masculinity and the harassment of sissies”. In: EPSTEIN, D. *et al. Failing boys?: issues in gender and achievement*. Buckingham: Open University Press, 1998. p. 96-108.
- GING, D. Alphas, betas, and incels: theorizing the masculinities of the manosphere. *Men and Masculinities*, Thousand Oaks, v. 22, n. 4, p. 638-657, 2017.
- HALBERSTAM, J. *Female masculinity*. Durham: Duke University Press, 1998.
- HALBERSTAM, J. Shame and white gay masculinity. *Social Text*, Durham, v. 23, n. 3-4, p. 84-85, 2005.
- KIMMEL, M. *Manhood in America*. New York: Free Press, 1996.
- KIMMEL, M.; MAHLER, M. Adolescent masculinity, homophobia, and violence. *American Behavioral Scientist*, Thousand Oaks, v. 46, n. 10, p. 1439-1458, 2003.
- KUPERS, T. A. Toxic masculinity as a barrier to mental health treatment in prison. *Journal of Clinical Psychology*, Hoboken, v. 61, n. 6, p. 713-724, 2005.
- LANDREAU, J.; RODRIGUEZ, N. *Queer masculinities: a critical reader in education*. Dordrecht: Springer Verlag, 2012.
- MAC AN GHAILL, M. *The making of men: masculinities and schooling*. Buckingham: Open University Press, 1994.
- MANDEL, L.; SHAKESHAFT, C. Heterosexism in middle schools. In: LESKO, Nancy. *Masculinities at school*. Thousand Oaks: Sage, 2000. p. 75-104.
- MCCORMACK, M. *The declining significance of homophobia: how teenage boys are redefining masculinity and heterosexuality*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- MESSERSCHMIDT, J. *Hegemonic masculinities and camouflaged politics*. Boulder: Paradigm, 2010.
- PASCOE, C. J. *Dude, you're a fag: masculinity and sexuality in high school*. California: University of California Press, 2007.
- PASCOE, C. J. Multiple masculinities?: teenage boys talk about jocks and gender. *American Behavioral Scientist*, Thousand Oaks, v. 46, n. 10, p. 1423-1438, 2003.
- PASCOE, C. J.; HERRERA, A. Masculinities and femininities in school. In: RISMAN, B.; FROYUM, C.; SCAROBOUGH, W. *The handbook of the sociology of gender*. New York: Springer, 2018. p. 301-313.
- PEREIRA, M. do M. *Fazendo género no recreio: a negociação do género em espaço escolar*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.
- PHOENIX, A., FROSH, S., PATTMAN, R. Producing contradictory masculine subject positions: narratives of threat, homophobia and bullying in 11-14 year old boys. *Journal of Social Issues*, Washington, DC, v. 59, n. 1, p. 179-195, 2003.



- RABELO, A. O. Contribuições dos estudos de género às investigações que enfocam a masculinidade. *Ex Aequo*, Lisboa, n. 21, p. 161-176, 2010.
- RANNIERY, T. Currículo, normatividade e políticas de reconhecimento a partir de trajetórias escolares de ‘meninos gay’. *Archivos Analíticos de Políticas Educativas*, Tempe, v. 25, n. 1, p. 1-32, 2017.
- ROCHA, C.; FERREIRA, M. Aprender a ser rapaz entre rapazes e raparigas: masculinidades em duas escolas C+S do distrito do Porto. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, v. 42, n. 1/2, p. 49-68, 2002.
- SANTOS, H. A evolução da “diversidade sexual” no currículo escolar português: da revolução dos cravos ao neoconservadorismo. *Currículo sem Fronteiras*, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 944-962, 2019.
- SANTOS, H. *Discursos sobre bullying e homofobia na e da escola: Que (im)possibilidades de cidadania para jovens LGBT?* 2018. Tese (Doutoramento em Ciências da Educação) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2018.
- SANTOS, H.; FERREIRA, M.; SILVA, S. M. Gay mas não bicha: de uma heteromasculinidade hegemónica a uma proliferação de masculinidades gays. *Iberoamerican Journal of Health and Citizenship*, Porto, v. 2, n. 2, p. 37-67, 2013.
- SANTOS, H.; SILVA, S. M. da; MENEZES, I. From liberal acceptance to intolerance: discourses on sexual diversity in schools by Portuguese young people. *Journal of Social Science Education*, Bielefeld, v. 17, n. 1, p. 55-65, 2018.
- SANTOS, H.; SILVA, S. M. da; MENEZES, I. Para uma visão complexa do bullying homofóbico: desocultando o quotidiano da homofobia nas escolas. *Ex Aequo*, Lisboa, v. 36, p. 117-132, 2017.
- SANTOS, M. H.; AMÂNCIO, L. Perceção de justiça, discriminação e sexismo. *Revista Psicologia*, Lisboa, v. 28, n. 1, p. 67-81, 2014.
- SCHNEIDER, A. On ‘appropriation’. A critical reappraisal of the concept and its application in global art practices. *Social Anthropology*, Hoboken, v. 11, n. 2, p. 215-229, 2003.
- SCOTT, J. Género: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.
- SILVA, S. M. da; ARAÚJO, H. C. Interrogando as masculinidades em contexto escolar: Mudança anunciada? *Ex Aequo*, Lisboa, v. 15, p. 9-117, 2007.
- THÜRLER, D.; ARAGÃO, R. Representação feminina, identidade masculina. *Interfaces Científicas: Humanas e Sociais*, v. 1, n. 1, p. 9-15, 2012.
- VALE DE ALMEIDA, M. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.
- WILLIAMS, S. Sexual bullying in one local authority. In: RIVERS, I.; DUNCAN, N. *Bullying: experiences and discourses of sexuality and gender*. New York: Routledge, 2013. p. 60-74.

